

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

THAÍS DAYSE DO NASCIMENTO CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DOS SERIADOS PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

**TERESINA
2018**

THAÍS DAYSE DO NASCIMENTO CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DOS SERIADOS PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
licenciatura em Letras Inglês pela Universidade
Estadual do Piauí.

Orientadora: Prof.^a Francisca Maria da
Conceição de Oliveira

**TERESINA
2018**

C331i Carvalho, Thaís Dayse do Nascimento.

A importância dos seriados para o aprendizado da língua inglesa /
Thaís Dayse do Nascimento Carvalho. - 2018.

55 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí
- UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês,
Campus Torquato Neto, Teresina-PI, 2018.

"Orientador: Profa. Esp. Francisca Maria da Conceição de
Oliveira."

1. Língua inglesa - Aprendizado. 2. Língua inglesa - Seriados.
I. Título.

CDD: 420

THAÍS DAYSE DO NASCIMENTO CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DOS SERIADOS PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
licenciatura em Letras Inglês pela Universidade
Estadual do Piauí.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Francisca Maria da Conceição de Oliveira
Presidente

Prof. Paulo Mota Filho
Membro

Prof^a. Maria Zilmar Lopes de Carvalho
Membro

**TERESINA
2018**

Dedico este trabalho de conclusão aos meus pais, familiares e amigos que de muitas formas me incentivaram e me ajudaram para que fosse possível a concretização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, porque sem “ele” eu não estaria aqui.

Aos meus pais, a minha avó (Djanira) e meu tio (Alex) pelo amor incondicional e pela paciência. Por terem feito o possível e o impossível para me oferecerem a oportunidade de estudar, acreditando e respeitando minhas decisões e nunca deixando que as dificuldades acabassem com os meus sonhos.

Aos demais familiares pelo amor, amizade, e apoio depositados.

Aos amigos pelas ótimas histórias vividas, brincadeiras e longos papos nas dependências da UESPI, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida.

A minha querida amiga Paula, que esteve ao meu lado, sempre me incentivando, durante toda essa jornada.

Ao estimado amigo Leonardo Gondinho, pela permanente presença, pelo carinho, amizade, atenção e respeito.

Aos professores, em especial à minha orientadora Francisca Maria da Conceição de Oliveira, pela paciência e por todo o conhecimento dividido.

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim, esquenta e esfria, aperta e depois afrouxa, aquieta e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre e amar, no meio da alegria. E ainda mais no meio da tristeza. Todo o caminho da gente é resvaloso, mas cair não prejudica demais, a gente levanta, a gente sobe, a gente volta”.

(João Guimarães Rosa - “Grande Sertão Veredas”, 1956).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral, comprovar que os seriados em inglês podem auxiliar no processo de aprendizagem da Língua Inglesa, tornando-o, inclusive, mais interessante para o aluno. E, a partir desse, tem-se como objetivos específicos: analisar o processo de aprendizagem da língua inglesa sob a perspectiva de Lev Vygotsky; demonstrar como as séries de TV, em inglês, podem ser mais do que meros instrumentos de entretenimento e evidenciar a contribuição das séries no aprendizado da língua inglesa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, e, teve como universo de pesquisa os alunos de cursos de graduação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, cujo instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevista semiestruturada contendo dados de identificação e questões abertas. Acredita-se que este estudo possa contribuir para que novas perspectivas sejam inseridas na sala de aula no ensino de uma segunda língua à medida que materiais audiovisuais legendados se tornem objeto de estudos cada vez mais frequentes no âmbito do processo ensino-aprendizado.

Palavras-chave: Seriados. Inglês. Aprendizado.

ABSTRACT

This study's general objective is to prove that English series can help in one's English learning process, making it inclusively a more interesting approach for students. It presents the following specific objectives: analyze the English learning process before Lev Vygotski perspective; demonstrating how English TV series can be more or less instruments of entertainment and showing the evidence of it's better contribution in the learning process. The research presents a qualitative research, being they attributed by, the students of *Universidade Estadual do Piauí – UESPI* as collaborators in the researcher's data collection, by means of a semi structural interview, containing identification data and open questions. It is believed that this study can contribute to new perspectives, being they, inserted in classrooms that present audiovisual content with Closed Caption being transformed into objects of study, consequentially being more frequently used in the context of the learning process.

Key-words: Series. English. Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	13
2.1 Considerações importantes a respeito da aquisição da segunda língua	14
2.2 A distinção entre aquisição e aprendizagem	19
3. OS SERIADOS AO LONGO DOS TEMPOS	22
3.1 História e definições	22
4. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DE LEV VYGOTSKY	30
4.1 A perspectiva de Lev Vygotsky	30
4.2 O processo de aprendizagem da língua inglesa	34
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5.1 Metodologia	38
5.1.1 Tipo de Pesquisa.....	38
5.1.2 População ou universo do estudo	38
5.1.3 Amostra	38
5.1.4 Instrumento de coleta de dados	38
5.1.5 Aspectos éticos e legais	39
5.1.6 Riscos e benefícios	39
5.2 Resultados	39
5.2.1 Perfil dos participantes	39
5.2.2 Assiste seriados estrangeiros e frequência:	40
5.2.3 Quando assiste um seriado estrangeiro, prefere ouvir o áudio original em inglês ou dublado em português?.....	40
5.2.4 O que é mais difícil para você apreender: a língua falada ou a língua escrita em inglês?	41
5.2.5 Você busca aprender o idioma inglês enquanto assiste os seriados estrangeiros?.....	42
5.2.6 Estratégias para aprender inglês com seriados estrangeiros	42
5.2.7 Na sua opinião será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros? Justifique.	43
5.3 Discussão.....	45
5.3.1 Língua falada <i>versus</i> língua escrita	45
5.3.2 Será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros?	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE	52

1. INTRODUÇÃO

Antes da televisão, os seriados eram basicamente exibidos no rádio, assim como as novelas. Atualmente, esses programas transmitidos na TV diferem bastante das telenovelas, ainda que tenham tido pontos em comum na origem de suas produções, por não terem um tempo previamente estabelecido.

A primeira série televisiva, veio ao ar em 1951, "*I Love Lucy*" trata-se de uma *sitcom* (comédia familiar), que obteve altos índices de audiência durante aproximadamente dez anos, tempo em que permaneceu no ar. A série foi indicada ao *Emmy Awards* (prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão) incontáveis vezes, e ganhou o título de melhor programa da televisão americana por muitos jornais no EUA.

Entende-se por seriados ou "séries de televisão" uma variação de programa televisivo, dividido em temporadas formadas por episódios. Os seriados podem ser tanto documentais quanto ficcionais. É importante frisar que existem diferenças entre séries e seriados. Nas séries, os episódios tem uma sequência, que deve ser seguida, em que um episódio, dá continuidade ao anterior. Para compreendê-las, é necessário assistir os episódios, na sequência correta.

Uma série normalmente é dividida em temporadas. O número de temporadas e episódios pode variar de acordo com a audiência, trama, enredo, dentre outros aspectos determinantes. Podemos elencar algumas séries entre as mais famosas "*Breaking Bad, Dexter e The Walking Dead*". *The Simpsons*, por exemplo, é a série que está no ar há mais tempo. A animação da FOX, datada de 1989, tornou-se a de maior número de episódios produzidos, sendo certificada pelo *Guinness World Records*.

No seriado não há, necessariamente, continuidade. Diferentemente das séries, nos seriados, os episódios não complementam uns aos outros, ou seja, pode-se assisti-los em ordem aleatória e, mesmo assim, compreender o enredo.

Uma importante característica das séries é que, geralmente, elas seguem uma história, uma linha de pensamento em que, muitas vezes, frases, palavras e expressões que não são encontradas nos dicionários, como as gírias, por exemplo, que são repetidas várias vezes.

Ademais, não há necessidade de se conhecer todas as palavras que são ditas para que o significado seja inferido, pois, com o conhecimento do episódio

anterior, tem-se o elemento audiovisual em favor próprio, vendo e ouvindo segue-se o processo de aprendizagem.

A academia internacional Kaplan publicou em 2012 uma pesquisa sobre o que ajudava os estudantes na hora de aprender inglês. Ver séries foi muito útil para 82% dos entrevistados. Dessa porcentagem, 26% escolheram *Friends* como a melhor. Em segundo lugar, embora a muita distância ficaram *The Simpsons* com 8%. Na lista também apareciam *How I Met Your Mother*, *CSI*, *Family Guy*, *House*, *Big Bang Theory* e *Gossip Girl*. No mesmo estudo, 79% assinalaram que os filmes também constituíam uma grande ajuda. Neste caso, o ganhador foi *Harry Potter*, com 24%. Compartilhou o pódio com o *Titanic*, com 11%, e *Toy Story*, considerado útil por 7% dos pesquisados.

Um exemplo de que os seriados em inglês podem auxiliar no processo de aprendizagem da Língua Inglesa tem-se no episódio 23 da terceira temporada de *The Big Bang Theory*, mas especificamente na cena intitulada *The apartment* a seguir relatada:

Raj: I'm telling you, dude, the only way to feel better about Penny going out with other guys is for you to get back on the whores.

Howard: Horse...

Raj: What?

Howard: The phrase is to get back on the horse, not whores.

É possível observar neste exemplo que Raj pronuncia de forma incorreta a palavra *horse* (hɔrs) que significa cavalo e ao invés disso pronuncia *whores* (hɔrz) que significa putas, sendo logo corrigido por Howard, que lhe mostra que a pronúncia errada modifica o sentido da frase. Dessa forma, fica evidente a contribuição dessa cena para o aprendizado da pronúncia em inglês.

Outro exemplo é a catchphrase "*How you doing?*" do personagem Joey Tribiani, do seriado norte-americano *Friends*. A tradução restrita de "*how are you doing?*" corresponde à pergunta "como você está?". Contudo, a entonação e a linguagem corporal usadas por Joey dizem muito mais do que isso. "Oi gatinha (o), tudo bem?", seria a tradução ideal.

Outro exemplo importante é através de um dos episódios de *The Big Bang Theory* em que Penny tenta convencer Sheldon a apoiar o amigo Leonard. Já na primeira fala de Penny, temos três expressões em inglês interessantes, em negrito abaixo:

*“Honey, this is a **big deal** for Leonard, okay? He **gets to** work with Stephen Hawking. Who, by the way, will not be on the boat. I **checked it out**.”*

1) A expressão **a big deal** significa “algo importante”, “algo grande”. Neste caso, Penny é sincera. Mas a expressão **big deal!** também pode ser um sarcasmo, ou seja, “grande coisa!”.

2) Se você **check it out**, quer dizer que foi conferir ou ver melhor algo. Você também pode usar **check it out** como um conselho para um amigo ver algo legal (algo como “dá uma olhada”).

Ainda no começo do episódio, em resposta à Penny, Sheldon utiliza mais uma expressão interessante: *“It’s not **that big of an opportunity**.”*

3) **That big of** quer dizer “tão grande assim”. Aqui, Sheldon tenta dizer que a chance (de trabalhar com Stephen Hawkin) não é tão grande assim.

E, no final, para fechar com chave de ouro, Sheldon, sempre sincero demais, diz: *“**No wonder** you didn’t get that toothpaste commercial.”*

5) Quando você quer dizer “não é à toa que...”, pode usar a expressão **no wonder**.

Percebe-se que os seriados são uma diversão tranquila. Contudo, para quem deseja aprender inglês, estes são de suma importância, visto que nos seriados são evidenciadas diversas conjunturas em que o inglês é empregado como na vida real. E ainda tem-se o fato de que as expressões em inglês são atuais – dá para aprender muito vocabulário vendo séries de TV.

Aprender inglês dessa forma pode despertar o interesse, inclusive de pessoas que têm dificuldade de aprender através de métodos convencionais (cursos de idioma, escolas, dentre outros).

Nesse sentido, este estudo tem suma relevância acadêmica, visto que se busca analisar a efetiva contribuição dos seriados para o aprendizado da língua inglesa, não restritamente ao meio acadêmico, mas também aos demais níveis de ensino. Além de se acreditar que o presente estudo pode contribuir para o aprimoramento de estratégias e métodos de ensino de Língua Estrangeira por meio de seriados.

Busca-se, dessa forma, compreender se os seriados de TV, em inglês, podem contribuir efetivamente para o aprendizado da língua inglesa. Diante de tal inquietação levantou-se, como hipóteses para este estudo: aprender inglês é necessário para quem deseja se qualificar como cidadão do mundo, ultrapassar

fronteiras e se inserir num futuro onde todos se comunicam, com mais eficiência e rapidez. Na era da informação, recursos importantes como internet, redes sociais e o acesso a seriados em inglês facilitam o aprendizado em inglês e as séries em inglês podem facilitar o aprendizado da língua inglesa, pois se utilizam de diversos recursos audiovisuais.

Neste intento, essa investigação teve, como objetivo geral, comprovar que os seriados em inglês podem auxiliar no processo de aprendizagem da Língua Inglesa, tornando-o, inclusive, mais interessante para o aluno. E, a partir desse, tem-se como objetivos específicos: analisar o processo de aprendizagem da língua inglesa sob a perspectiva de Lev Vygotsky (1999); demonstrar como os seriados de TV, em inglês, podem ser mais do que meros instrumentos de entretenimento e evidenciar a contribuição das séries no aprendizado da língua inglesa.

Este estudo foi pautado na pesquisa de abordagem qualitativa, no qual o pesquisador troca a visão puramente estatística pelas descrições e ligações causais, projetadas pelas interpretações (GIL, 2000, p.17), e, teve como universo de pesquisa os alunos de cursos de graduação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, cujo instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevista semiestruturada contendo dados de identificação e questões abertas.

Cabe destacar que os participantes, cerca de 30 alunos, foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram a mesma por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, onde foram concatenadas as etapas através da técnica de análise temática de conteúdo, com análise de sentido expostas em análise conclusiva das informações colhidas, através de entrevista aberta e fechada, objetivando a busca de significados trazidos pelos entrevistados à questão que norteia este estudo.

Dessa forma, com o intuito de oferecer maior clareza e organização a este trabalho, o mesmo encontra-se estruturado numa primeira seção introdutória; a segunda seção que retrata os seriados ao longo dos tempos e uma reflexão histórica sobre estes; a terceira seção traz uma análise sobre o processo de aprendizagem da língua inglesa sob a perspectiva de Lev Vygotsky; a quarta seção que evidencia e discute os dados coletados e as considerações finais desse estudo.

2. AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

A linguagem possui uma função imprescindível em nossas vidas. Muitos estudos já foram realizados neste campo, e este capítulo, serão tratadas algumas teorias sobre o aprendizado de línguas que foram elaboradas e propostas ao longo do tempo, influenciadas pela linguística. Conforme explica Schütz (2007) as abordagens ao ensino de línguas advêm segundo as tendências de cada época.

Afirmam Ligthbown e Spada (2013, p. 13): "Na verdade, um das significativas descobertas da pesquisa em aquisição de segunda língua tem sido de que há semelhanças importantes entre aquisição da primeira e de segunda". Nesse sentido entende-se que não conseguiríamos falar em aquisição de segunda língua, sem falar desse processo em primeira língua, uma vez que são muito parecidos.

Em relação às diversas abordagens elaboradas até então, Chomsky (1998, p. 20) acrescenta que "essas abordagens não se conflitam, elas se beneficiam mutuamente". Cada abordagem determina seu objeto de estudo e suas demandas de pesquisa, e soma-se ao estudo de outras abordagens.

Explicar a aquisição de línguas é uma questão difícil, já que se trata de um dos fenômenos mais complexos de todas as habilidades que são próprias do ser humano (GRIFFIN, 2011). Mesmo com a dificuldade para se definir, investigar e entender a aquisição de línguas, todo ser humano nasce com a capacidade inata de adquirir uma língua, conforme já preconizava Chomsky em *Syntactic structures* (1957) e em *Aspects of the theory of syntax* (1965).

No momento em que se passa às reflexões sobre a aquisição de mais de uma língua, o processo explicativo complexifica-se ainda mais. Mesmo que muitas pessoas adquiram – e utilizem – somente uma língua ao longo de sua vida, o número de aprendizes de línguas estrangeiras vem aumentando expressivamente.

Para Griffin (2011), dois são os principais motivos que estimulam as pessoas a aprenderem uma segunda língua: há aqueles que aprendem por necessidade e aqueles que o fazem por interesse pessoal. Nota-se que subjazem ao discurso da autora as classificações de Gardner e Lambert (1972) para a motivação da aprendizagem de línguas. Aqueles que aprendem uma língua por necessidade, seja técnica ou profissional, possuem uma motivação instrumental; já os do segundo grupo aprendem por uma motivação integradora, isto é, são aprendizes que desejam

estar integrados à cultura onde a língua é falada ou então se identificam com o povo que a fala.

Para Santos Gargallo (2010, p. 19), a aquisição é um processo inconsciente de internalização de um sistema linguístico por exposição natural à língua. Por outro lado, a aprendizagem ocorre como um processo consciente, no qual se internaliza um sistema linguístico e cultural mediante a reflexão sistemática e guiada de seus elementos.

Santos Gargallo (2010) vale-se dos termos “consciente” e “inconsciente” para diferenciar a aprendizagem da aquisição, na mesma medida como Krashen (1981) o fizera anteriormente, embora outra terminologia tenha sido adotada, como “consciente” e “subconsciente”. Dulay, Burt e Krashen (1985, p. 42) empregam os termos aprendizagem e aquisição indiferentemente e, para fazer a diferenciação, preferem usar desenvolvimento consciente e desenvolvimento subconsciente da língua.

2.1 Considerações importantes a respeito da aquisição da segunda língua

Existem muitos episódios de pessoas que, já na infância, são capazes de aprender duas línguas, algumas até mesmo, aprendem duas línguas concomitantemente. Muitas pessoas acreditavam que isso não seria bom para as crianças, pois isso faria com que ela confundisse as línguas, ou que não conseguiria aprofundar seus conhecimentos em nenhuma delas. Até hoje, existem pessoas que pensam deste modo. Devido a isso achamos importante esclarecer alguns desses equívocos, e baseados no estudo e na própria colocação de Ligthbown e Spada (2013). No que se refere ao aprendizado de duas línguas ao mesmo tempo as autoras defendem a ideia de que:

A evidência sugere que, quando bilíngues simultâneos estão em contato com ambos os idiomas em uma variedade de configurações, existem muitas razões para esperar que eles irão avançar no desenvolvimento de ambas as línguas, a um ritmo e de um modo que não são diferentes das crianças monolíngues (LIGHTBOWN; SPADA, 2013, p. 03).

Portanto, não existem razões para não desafiar e não encorajar uma criança a falar duas línguas. As autoras ainda apresentam questões que reafirmam essa concepção. Para elas quando uma criança aprende uma língua em seu ambiente

familiar, e é através desta que sabe se comunicar, ao frequentar uma escola onde se fala outra língua, a criança recebe um “corte” em sua primeira língua. Isso fará com que ela perca a linguagem da família sem tê-la dominado. Deste modo, ela não estará dominando a segunda língua e não continuará a desenvolver a primeira.

Por parte da escola, ainda será pedido que os pais parem de falar a língua que falam em casa e se concentrem na “nova língua” desta criança, que é a majoritária. Nestes casos, contudo, é importante que a família permaneça falando entre si a língua natural, para pelo menos a criança conservar o entendimento da mesma.

Não existem evidências de que o cérebro da criança tenha habilidades indefinidas, de forma que o conhecimento de uma língua não diminuiria a aprendizagem de uma nova língua, isto é, nem a criança, nem o adulto, esqueceriam os conhecimentos que já adquiriu em uma língua ao aprender outra. Crianças que têm chances de aprender múltiplas línguas e mantê-las em suas vidas devem ser estimuladas a aprendê-las, sendo o mesmo caso para adultos.

A aprendizagem entre crianças e adultos difere em alguns aspectos, pois crianças geralmente aprendem sem objetivos, sem benefícios e sem os conhecimentos sobre a língua que um adulto já possui. Além disso, crianças não apresentam ansiedade ao tentarem usar a nova língua e não se preocupam com as falhas sucedidas. Já adultos ponderam a experiência de fala, muitas vezes, uma ação estressante quando não conseguem articular sentenças claras e corretas.

Nesse sentido, afirma-se que crianças tendem a se “arriscar” mais na nova língua, enquanto aprendizes mais velhos tendem a continuar por um tempo em silêncio até terem de ser compelidos a falar. (LIGTHBOWN; SPADA, 2013).

As autoras supracitadas alertam que para se desenvolver uma nova língua, é imprescindível já ter pelo menos adquirido uma língua. Este precedente conhecimento pode ser benéfico em matéria de que o aprendiz já sabe como uma língua funciona. Por outro lado, deve-se apreender que o conhecimento de outra língua pode acarretar aos aprendizes a fazer suposições incorretas sobre como a segunda língua funciona.

Apesar disso, conforme explanam Ligthbown e Spada (2013, p. 03) “Parece haver pouco apoio para o mito de que aprender mais um idioma na primeira infância retarda o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança”. Estes dados foram aqui colocados para posicionar o leitor sobre o que o acontece com indivíduos que

aprendem duas línguas e, já de antemão, esclarecer que a aprendizagem de mais de uma língua não é de forma alguma prejudicial a este ser.

Para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem e aquisição de uma segunda língua, serão abordadas as três principais teorias de aquisição da linguagem. Segundo Schütz (2007), “muitas teorias sobre aprendizado de línguas já foram propostas, sempre diretamente influenciadas por duas ciências: a da linguística e a psicologia.” Essas abordagens atendem as especificidades da época em que foram elaboradas. Serão descritas as seguintes teorias: o Behaviorismo, o Inatismo e o Interacionismo.

Entre as décadas de 1940 e 1950 surgiu nos Estados Unidos, o behaviorismo, cujo principal precursor foi Skinner. De acordo com essa teoria a aprendizagem de uma língua é o fruto de imitação (LIGTHBOWN; SPADA, 2013). De acordo com os behavioristas qualquer aprendizagem resulta da formação de hábitos, e isso ocorre por meio de estímulo – resposta – reforço. Para eles, o indivíduo recebe um estímulo do meio, deste estímulo há uma resposta, e a mesma estando correta, o indivíduo é incentivado a repeti-la até que a domine. Caso o indivíduo produza uma falha ao invés do acerto, este será retificado.

Para essa teoria segundo Lighthbown e Spada (2013), é mais fácil de aprender uma segunda língua que seja semelhante à língua materna. Do mesmo modo quando uma língua apresenta muitas diferenças, o indivíduo encontrará maior dificuldade em aprendê-la. Segundo Figueiredo (1995) esta abordagem pode usar de técnicas de repetição cansativas e veementes de estruturas e exercícios de substituição, que promovem a afirmação de novos hábitos imprescindíveis para o aprendizado de uma segunda língua. É por meio dessas infatigáveis repetições que o indivíduo deixa de produzir falhas. Esse tipo de exercício surge até hoje em livros de aprendizagem de línguas, o que reafirma a concepção de que é a repetição que será responsável pelo aprendizado de uma nova língua.

Entretanto, essa abordagem não consegue explicar de forma completa o processo de aquisição da segunda língua ou mesmo da aquisição da língua materna. (LIGHTBOWN; SPADA, 2013). O discente, conforme afirma Figueiredo (1995, p. 48) “aprende com a experiência, mas não somente da experiência, como comprovam tantas outras teorias”.

Essa abordagem deixa a desejar especialmente pelo fato de que a repetição por si só, não faz com que um indivíduo seja capaz de elaborar ou produzir,

sentenças que nunca ouviu antes. Dessa forma, a aprendizagem de uma nova língua seria um processo muito mais longo que o habitual.

No que se refere ao tema deste estudo, behaviorismo não pode contribuir de forma significativa para a compreensão de como pode se dá o aprendizado da língua inglesa a partir de seriados, visto que, esta linha de pensamento conduz a uma tese sobre o sistema de aprendizagem, apoiada nas interações estímulo-estímulo – originados nos mecanismos cerebrais. Contudo, a visão behaviorista pode contribuir na explicação básica e inicial da aquisição de língua, apesar disso, ela não contempla aspectos mais complexos dessa aquisição, visto que a aquisição da linguagem vai muito além da prática e da imitação.

Outra teoria relevante no que se refere ao processo de aquisição de uma segunda língua é o inatismo, que tem como representante principal Chomsky. De acordo com ele, a aquisição de uma língua é um processo inato ao aprendiz, ou seja, este nasce pré-disposto a adquirir uma língua. Contudo, é indispensável que o ambiente em que este aprendiz está colocado lhe dê base e condições, aí sim este desenvolverá uma língua. (LIGTHBOWN; SPADA, 2013).

Segundo Galeffi (2003, p. 43) é graças a Gramática Universal que “as crianças conseguem criar representações mentais que extrapolam o discurso que ouvem, e se assemelham muito às representações dos falantes da mesma língua.” Portanto, devido a esse fato, que as crianças produzem enunciados que nunca ouviram.

Chomsky (1998) pondera a linguagem como um “órgão da linguagem”, isto é, assim como o ser humano nasce com demais órgãos que são essenciais para sua existência, assim sucede com a linguagem, e este órgão para ele, não poderia ser removido de um corpo.

Conforme afirmam Ligthbown e Spada, (2013) a teoria inatista não faz especificações abertas sobre a aprendizagem de uma segunda língua. Entretanto, muitos linguistas elucidam que a Gramática Universal é a melhor perspectiva para a aquisição de uma segunda língua. Já outros, afirmam que a Gramática Universal não nortearia a aquisição em indivíduos que passaram do período crítico para esta aquisição.

Os inatistas acreditam que na aprendizagem de uma segunda língua, a correção dos erros e informações metalinguísticas não transformaria e não comprometeria profundamente o conhecimento sistemático da língua.

Através do entendimento sobre o inatismo, sua contribuição para o tema deste estudo deixa a desejar, visto que, esta teoria defende que o aprendizado de uma segunda língua se realiza dentro do processo biológico natural de cada indivíduo, concepção que não pode ser generalizada, uma vez que mesmo tendo limitações, algumas pessoas, com esforço e dedicação podem sim, aprender uma segunda língua. Mesmo apresentando relevantes aspectos ao estudo da aquisição da língua materna, a teoria inatista prioriza muito mais o produto final, menosprezando os aspectos do desenvolvimento da aquisição da língua.

A terceira teoria tem como representante o filósofo e psicólogo suíço Jean Piaget (1896 - 1980). Ele buscou observar crianças em suas brincadeiras e interações com adultos. A partir de suas observações, traçou o desenvolvimento cognitivo compreendendo as coisas como permanência do objeto.

Os interacionistas defendem que o ambiente que fornece amostras da língua que se vai aprender. Portanto, o que esta teoria diz é que o desenvolvimento da linguagem está voltado ao ambiente. Em síntese, a linguagem é consequência de uma ação complexa entre exclusivamente as características humanas e o ambiente em que ela se desenvolve.

Piaget acreditava que a linguagem se desenvolve na infância e pode ser utilizada para representar o conhecimento que a criança tem adquirido com a interação física no seu ambiente. Essa teoria anos mais tarde, ganha a contribuição de Lew Vygotsky (1896-1934), intelectual russo, que possuía um amplo e diversificado conhecimento, atuando em áreas da educação, psicologia, medicina, direito, filosofia, entre outras. (LIGTHBOWN; SPADA, 2013).

Para Vygotsky o pensamento era fundamentalmente o discurso internalizado, e esse discurso emerge com a interação social. Devido a isso, pode-se afirmar que o desenvolvimento da linguagem é resultado de um processo sócio histórico.

Assim, compreende-se que a teoria interacionista pode contribuir na compreensão do tema abordado neste estudo, visto que através dessa teoria é possível entender como são relacionados a forma e o significado na linguagem e de que forma elas interagem nas conversas e aprendem a usar a língua apropriadamente.

2.2 A distinção entre aquisição e aprendizagem

É por meio da interação com o mundo que o indivíduo adquire a sua língua, de maneira subjetiva e social, isto é, ele utiliza o sistema de signos em vigor na sociedade em que se insere e deixa-lhe suas marcas e experiências, causando diferentes formas de expressão. Os efeitos dessa interação são positivos, uma vez que os sujeitos falantes fazem parte do mesmo universo de códigos. Contudo, quando a aquisição é de uma língua estrangeira, os resultados poderão não ser tão positivos, dada a ocorrência de diversos fatores que podem interferir no processo de aquisição.

A aquisição de uma língua estrangeira trata-se de um processo complexo, diferente do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Sendo assim, é de essencial importância fazer uma distinção entre aprendizagem e aquisição.

A aquisição se dá numa circunstância de contato direto com a segunda língua. Ao se estar inserido num determinado sistema de signos, o seu uso acontecerá de forma natural, tal qual ocorre na infância ao adquirir a língua materna. Nesse processo, o interesse está na comunicação, visto que tudo ocorre inconscientemente, sendo dessa forma, um processo subconsciente/intuitivo.

A aquisição da língua estrangeira engloba a personalidade, as estruturas mentais, a influência de fatores externos. Não pode ser considerado um fenômeno uniforme e previsível, pois cada indivíduo é único, com suas peculiaridades de desenvolvimento.

Conforme afirma Schütz (2007) a aquisição da linguagem é um processo de apropriação natural, subconsciente, que se produz em circunstâncias reais de convivência com outras pessoas, em que o aprendiz é um sujeito ativo, como no processo de assimilação da língua materna pelas crianças.

Por meio da interação com a família, com sociedade, a criança adquire um conhecimento sobre a língua que permite que ela se comunique com os demais. Essa comunicação é ativa, porque a criança entende e se faz entender pelos outros, mesmo sem jamais ter ido à escola e estudado sobre a língua. Podemos citar como um exemplo de aquisição da língua estrangeira, jovens e adultos que participam de programas de intercâmbio. Ao viajarem para o exterior e adquirirem alto nível de fluência na língua estrangeira que, em muitos casos, assemelha-se à fluência na língua materna. Contudo, eles adquiriram a fluência intuitivamente, já que, em regra,

não têm conhecimentos teóricos sobre idioma, ou seja, não possuem noção de sintaxe, fonologia, gramática, dentre outros. É a interação com as pessoas que lá vivem que lhes permite entender e ser compreendido naquela língua estrangeira.

No que se refere à aprendizagem, esta se trata do estudo consciente da gramática, demanda o estudo sobre a língua em uso. O estudante deixa de ser um falante para ser um aprendiz da língua em estudo no que diz respeito às suas regras.

Segundo Schütz (2007), a aprendizagem da língua estrangeira está relacionada à abordagem de ensino tradicional adotado e aplicado nas escolas de ensino regular e em muitos cursos de línguas. Os métodos aplicados partem do pressuposto que o aluno entenda, por meio da língua na forma escrita, a estrutura e as regras do idioma, através de empenhos intelectuais e capacidade dedutivo-lógica. No processo de aprendizagem são impressos conhecimentos ao aluno acerca da língua estrangeira, como se dá o funcionamento da estrutura gramatical dessa língua, através de todo um planejamento didático que abrange memorização de vocabulário, com a finalidade de que o aluno tenha um bom desenvolvimento na aprendizagem.

Conforme afirma Schütz (2006) um bom exemplo de aprendizagem da língua estrangeira o caso de inúmeros graduados em Letras que “se especializaram” em uma determinada língua estrangeira e, segundo sua formação, estão capacitados para ensinar esse idioma. Entretanto, muitas vezes, eles apresentam sérias dificuldades com a língua, não exclusivamente na parte teórica, mas especialmente no uso da mesma para a comunicação oral e até mesmo na pronúncia. Em relação ao ensino de línguas, Richter (2000, p. 36) fala sobre a necessidade da autenticidade no processo de aprendizagem:

Quando se quer autenticidade de experiência, a ambientação externa à sala de aula é indispensável. Quando isto não for possível – o caso mais frequente de situações de não imersão -, simulações na sala de aula ajudam sobremaneira, na medida em que propiciam autenticidade do modelo de situação: em vez de agir com o fato acontecendo, age-se de maneira semelhante à prevista (consensualmente) para esse tipo de acontecimento, toda vez que ocorrer.

Isso significa buscar, em sala de aula, que o aluno utilize os recursos que o permitam iniciar, desenvolver e finalizar uma circunstância de conversação,

evidenciando compreensão, permitindo, deste modo, um processo muito próximo ao real. Acrescenta-se ainda, conforme explana Richter (2000, p. 35) sobre a importância do interacionismo no processo de aquisição da linguagem:

Quanto à aquisição da linguagem, trata-se de reconhecer que os fatores interacionais têm maior influência do que os formais. Isto significa que saber a descrição de uma língua pode ajudar na conquista da competência comunicativa – mas, ressalte-se, bem menos do que se possa imaginar.

O essencial é agir comunicativamente no grupo. Isto é, a sala de aula em que exclusivamente o professor apreende o comando não se tornará um ambiente favorável à aprendizagem, visto que a participação de todos se faz imprescindível para que a comunicação ocorra. É a interação que viabiliza a aprendizagem.

De acordo com Almeida Filho (2002, p. 12) “a nova língua para se desestrangeirizar vai ser aprendida para e na comunicação sem se restringir apenas ao domínio de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema“. Para que se encontre sentido no que se está aprendendo, é fundamental que o aprendizado seja tomado em conjunto e em relação a outras coisas. Assim sendo, é indispensável que o aprendiz se submerja em circunstâncias reais de interação, de comunicação efetiva na nova língua, adentrar em relações com os outros para intercâmbio de experiências que permitam novas compreensões e crescimento.

3. OS SERIADOS AO LONGO DOS TEMPOS

3.1 História e definições

A história da TV brasileira tem uma ligação direta com as telenovelas, em relação à TV americana e aos seriados são, sem dúvida, o seu principal produto, abrangendo não apenas o mercado americano, mas todo o mundo. Sendo o segundo produto televisivo mais comercializado, perdendo apenas para o cinema, apresenta um grande potencial de exportação e divulgação cultural do país onde é produzida. Um período de muita influência dos chamados “enlatados” ocorreu na década de 1960 e 1970.

O atual modelo de séries diárias se consagrou a partir de 1950, na TV americana, o qual substituiu o rádio como principal meio de entretenimento e informação da população americana. Definiram-se neste período, as condutas de tempo de duração, até hoje vigentes, sendo: drama ou aventura, 1 hora; comédias 23 minutos. Os programas seguiam a base do *American Way of Life*, mantendo um equilíbrio do sonho da classe média americana e sua mentalidade conservadora. Tornou-se comuns os programas a respeito de uma família com o pai provedor, a mãe dona-de-casa, os filhos exemplares.

Destacando a fidelidade na lei e na justiça, as quais deveriam ser mantidas acima de tudo, os seriados de ação apresentava o modelo popular de policial zeloso e incorruptível, vistos como cidadãos modelo, os quais deveriam ser seguidos.

I Love Lucy, programa que estreou em 1951, foi considerado um marco da década, considerada a mãe de todas as comédias-de-situação (*sitcoms*), na qual apresentava um casal bastante conservador (*Desi Arnaze e Lucile Ball*), reproduzia um cotidiano de matrimônio, tendo o marido (provedor), produtor artístico, que sempre era envolvido pelas confusões de sua mulher desajeitada, porém o amor sempre triunfava. Esta série definiu grande parte da gramática do gênero, podendo se incluir o que se refere a gravação ao vivo com plateia, no qual as risadas que foram gravadas são reproduzidas na exibição do episódios.

The Honeymooners (1955) é outro dos grandes marcos de séries cômicas, que tinha como protagonistas o casal *Jackie Gleason e Art Carney*. Esta série apresentou e introduziu a abordagem irônica e amarga no atual modelo “água-com-açúcar” das comédias da época.

Até a metade da década de 60, pouco mudou no panorama, onde, as comédias continuavam destacando os valores da família conservadora, onde o homem e a mulher ocupavam uma já estabelecida posição.

Destaca-se ainda *The Dick Van Dyke Show*, *Bewitched (A Feiticeira)*, e *I Dream of Jeannie (Jeannie é um Gênio)*, as quais não apresentam um casal convencional, porém sempre havia uma busca incessante na conquista do amor do protagonista.

As séries de ficção científica ganharam um grande destaque nesta década, que teve como base o sucesso de *Rod Sterling, The Twilight Zone (Além da Imaginação)* de 1959, e que apresentava episódios isolados que permitiam críticas e comentários sobre a sociedade da época, imersa na paranoia da Guerra Fria. Com base neste tema, acabou por difundir e aprofundar temas mais ousados em séries, como *The Invaders (Os Invasores)* e *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*, considerada mais importante e influente do gênero, de *Gene Rodenberry*, lançada em 1966. Igualmente destacadas, porém menos ambiciosas *Lost in Space (Perdidos no Espaço)*, *Voyage to the Bottom of the Sea (Viagem ao Fundo do Mar)*, *Land of the Giants (Terra de Gigantes)* e *Time Tunnel (O Túnel do Tempo)*.

Não passou de forma despercebida o início da cultura pop, que na segunda metade da década encontrou na comédia o seu auge, pois este gênero propiciava um espaço de inovação. Surge nesta época *Batman*, apresentando o exagero *camp*. Posteriormente *The Monkees*, que faz uma mescla de linguagem de filmes dirigidos por Richard Lester com os Beatles a um psicodelismo que então estava ganhando espaço. Com o surgimento do fenômeno James Bond, que serviu como base de inspiração para a criação de umas das melhores séries cômica da década, *Get Smart (Agente 86)*.

Mesmo após a década de 70, as comédias prosseguiram cultivando sua função de vanguarda na sua temática, apresentando três irrefutáveis destaques: *The Mary Tyler Moore Show (1970)* - a precursora em difundir uma protagonista feminina solteira, trabalhadora e independente, *All in the Family (1971)* - apresentava o modelo do pai de família de conduta irrepreensível, um velho de caráter conservador, mesquinho e preconceituoso, mora com a esposa (ingênua), a filha (volúvel) e o genro (preguiçoso), considerada a primeira *sitcom* a expor temas considerados reais, como crise de meia-idade e o racismo; a mesma não foi exibida no Brasil, porém serviu de base para a criação e desenvolvimento do projeto original

de *A Grande Família* (da Globo). Por fim, *Mash* (1972), herança dos cinemas, contava com uma grande crítica às instituições militares em pleno andamento da guerra do Vietnã. O programa ficou no ar durante 11 temporadas, resistindo ao início da guerra e se consolidou para o público norte-americano. Cabe destacar que em seu último episódio se configurou como um recorde insuperável de audiência há mais de 20 anos.

Foi possível notar algumas evoluções, principalmente no perfil dos protagonistas das series policiais, saindo da linha de caráter inflexível. Abordando em *Kojak*, *Baretta*, *Starsky & Huich* (Justiça em Dobro) ou *The Rockford Files* (Arquivo Confidencial) que o protagonista é capaz de absorver a malícia e a malandragem das ruas passando a apresentar um ritmo ágil e perseguições de filmes como *Bullit*, que antes apenas se tratava de investigações cerebrais, agora incorporam Operação França ou Perseguidor Implacável. Surge *Charlie's Angels* (As Panteras), mulheres exuberantes assumindo o papel de heroínas que fazem uso da sensualidade na execução de suas missões.

Observou-se que as séries cômicas após a eleição de Reagan (EUA), iniciou uma nova onda de conservadorismo. As *sitcoms* deste período em grande parte retomam os valores familiares, ao fim de cada episódio sempre apresentava uma reflexão de acordo com os problemas enfrentados pela população da época.

É exibido neste período *The Cosby Show*, *Family Ties* (Caras e Caretas), *The Golden Girls* (Super Gatas) e *Roseanne*. Um dos melhores *sitcons* desta década se chama *Cheers*, o qual teve início percorrendo o modelo moralista da época, o qual tem em seu contexto as fracassadas investidas de Sam Malone (ex-jogador de beisebol, dono do bar e alcoólatra recuperado) para conquistar Diane (garçonete e eterna estudante universitária). Após 04 temporadas com a retirada da personagem Diana o seriado introduz um espírito de deboche e molecagem que condiz com o cenário (botequim) arremete a um humor com um toque insano com a chegada de Rebecca a nova gerente e personagens como: o *barman* Woody, a mal-humorada garçonete Carla, os alcoólatras Norm e Cliff e o psiquiatra Frasier. *Cheers* ficou no ar por 11 temporadas.

Em 1981 surge um marco nos programas do tipo policial, o qual revolucionou o gênero por apresentar uma linguagem de forma crua e real menos maniqueísta, a qual veio a se consolidar neste gênero definitivamente nas décadas de 90. *Hill Street Blues* (Chumbo Grosso) conta a história do dia-a-dia de uma delegacia de Nova

York situada em um bairro pobre, expondo a honestidade de seus policiais, uns mais, outros menos honestos. Foi um dos primeiros seriados com finalidade de apresentar críticas, a ter relevância, porém não foi muito popular entre o público americano, assim tendo uma breve permanência. No Brasil, a mesma ficou por um breve período no ar, desaparecendo da grade da emissora Globo, sendo depois exibido de forma irregular em outras emissoras.

Miami Vice (1984) contou com outro caminho, incorporando a linguagem fragmentada dos videoclipes na década de 80 em pleno auge, influenciando tendências de moda devido aos seus cenários glamorosos e figurinos peculiares de seus detetives mauricinhos.

Na década de 90, que estreou as séries *Twin Peaks* e *Seinfeld*, foram consideradas como divisores de água, modificando completamente o panorama das séries, deste ponto em diante. Por ser a primeira em seu gênero, há muito a ser exposto. David Lynch e Mark Frost levam TV americana a trilhar novos caminhos. Um seriado à frente de qualquer época. Apesar de não ter alcançado um bom público na segunda temporada, seu legado solidificou-se em longo prazo, ampliando gradativamente às fronteiras das temáticas expostas pelas séries. Surge em 1992 seu primeiro filho dileto, *Picket Fences*, que reflete, de forma mais aceitável, a degradação escondida por trás das pequenas cidades.

Seinfeld (1989) não apresentou o mesmo choque inicial de *Twin Peaks*. Sendo um piloto independente, foi lançado como tapa-buraco na programação de férias da NBC, contando com as duas primeiras temporadas curtas. No decorrer da série, seus criadores Larry David e Jerry Seinfeld, como também os atores Michael Richards (Kramer), Julia Louis-Dreyfuss (Elaine) e Jason Alexander (George), roteiristas (Larry Charles, Elaine Pope e outros) e o diretor Tom Cherones foram modificando e criando uma nova fórmula absolutamente pioneira, que em 1991 e 1992 durante a sua 3ª temporada, de exibição em horário nobre, apresentava-se impecavelmente repaginada alcançando seu apogeu. Constituiu-se em uma aposta ousada da emissora, por persistir com um programa repleto de atributos inteiramente distintos ao que se apresentava nos *sitcoms* e que em seu começo não teve tanto êxito, sendo aceita aos poucos pelo público. No qual com a 4ª temporada, veio em fim ocupar o seu merecido lugar entre os líderes de audiência da TV americana, o qual permaneceu até 1998, quebrando a ligação com as correções política e o moralismo que predominava nas séries que a antecederam.

Seus roteiros elaboradíssimos e o ritmo ágil dos episódios marcaram todas as produções que a precederam em matéria de *sitcom* nos anos que se seguiram.

De todas as formas, várias séries foram influenciadas pelo estilo de *Seinfeld*. A exemplo de *Friends* (1994), que aborda a história de um grupo de amigos que moram em Nova York, de uma forma mais convencional e com personagens joviais.

As *sintcoms* passam a ser uma base para o desenvolvimento de novas séries cômicas, que foram sendo atualizadas, as velhas fórmulas para o contexto da atualidade. Um exemplo surge com *Mad About You* (1992), conta a história de um casal e suas desventuras e trapalhadas, um novo modelo de *I Love Lucy* para os anos 90 (SILVA JÚNIOR, 2017).

Outro grande destaque é *Everybody Loves Raymond* (1996), que modifica a ideia dos seriados-família, e seus modelos de retidão de comportamento, o qual o humor se dá pelas falhas de caráter dos personagens. Nesta época se destaca a abertura a liberdade do governo democrata de *Bill Clinton*, possibilitando uma franca abordagem da temática homossexual no espaço das *sitcoms*.

Originalmente com *Ellen*, interpretada pela atriz *Ellen De Generes* expõe-se um gay num episódio de 1997. Apesar de não ter sido bem aceita pelo público, foi a primeira a explorar este campo, abrindo portas posteriormente para grandes sucessos como *Will and Grace* (1998), uma variação bem menos imposta de *Seinfeld*, e que teve como protagonistas quatro amigos hedonistas, cujos dois destes personagens são homossexuais (SILVA JÚNIOR, 2017).

Antes de prosseguir, temos que voltar a 1989, ano que estreou *The Simpsons*, atualmente, a mais antiga série ainda em cartaz no horário nobre americano, mostrando que desenho não é coisa apenas para criança. Esse programa genial de Matt Groening firmou-se por abordar todos os possíveis e imagináveis, não se limitando unicamente à cultura americana, e sim a de todo o mundo. É um êxito e impressiona por ser uma série que conseguiu manter-se por tanto tempo, atualmente está exibindo a sua 16ª temporada, e mantém a sua qualidade média tão homogeneamente elevada. E com o passar dos anos, seus criadores tem a possibilidade de continuar rompendo barreiras, alcançando autonomia para inclusive ir contra a corrente do conservadorismo dominante na política americana, o qual na emissora que o exhibe (Fox) é um de seus baluartes. Como exemplo a recém-divulgação e exibição nos EUA, de um episódio que aborda a temática dos casamentos homossexuais e a revelação que uma das irmãs de

Marge é lésbica. Na mesma linha dos *Simpsons*, prosperaram inúmeros outros desenhos animados com temática adulta, dentre eles um dos mais destacados é *South Park* (1997).

Nos seriados dramáticos, como já esperado, as mudanças ocorreram de forma lenta e progressiva, observando que nos programas policiais apenas na metade da década de 90 passaram a utilizar a linguagem crua de *Hill Street Blues*. Onde Steven Bochco, ao repetir sua já conhecida fórmula, alcança melhor audiência, com a serie *NYPD Blue* (*Nova York Contra o Crime*, 1993), que, assim como *Homicide: Life in the Street* (*Homicídio*, 1993), demonstra o contraste existente entre com o maniqueísmo persistente em *Law and Order* (*Lei e Ordem*, 1990). Com essa nova abordagem de temas mais crua e seca, à qual apresenta personagens de caráter duvidoso, é também utilizada em programas protagonizados por médicos, que até então eram santificados, porém não inteiramente endeusados em *E.R. (Plantão Médico)* e *Chicago Hope*, ambos estrearam em 1994. *The Practice* (*O Desafio*, 1997) propõe uma temática similar sendo dirigida para o universo do sistema judiciário (SILVA JÚNIOR, 2017).

The X-Files (*Arquivo-X*, 1993) não nos deixa esquecer o que marcou a ficção científica devido as paranoia dos anos 60, apresentava carisma que conquistou uma fiel legião de fãs além de ter sido muito importante para a repopularização das séries americanas no Brasil.

Devido à expansão no mercado de TV a cabo, houve exigência que canais como a HBO diversificassem suas atividades, passando a produzir seus próprios filmes e séries deixando de ser um mero exibidor de filmes. Uma das primeiras a ter destaque foi *The Larry Sanders Show* (1992), zombando os bastidores dos *talk shows* e recebia personalidades que se auto interpretavam (SILVA JÚNIOR, 2017).

E em 1988, a HBO estreou *Sex and the City* uma comédia que, mesmo sendo restrita a assinantes, alcança uma repercussão digna da TV aberta. A qual abordava um tratamento excessivo estilizado e superficial do universo feminino, o quarteto de dondocas novaiorquinas marca época, recebendo espaço e discussão na mídia. A HBO alcançou seu êxito no modelo de comédias devido a certo cansaço da *sitcom* tradicional. Apresentando linguagem que se aproximava do modelo cinematográfico dos dramas em expansão nos canais abertos. Não levando em conta o modelo clássico *Ally McBeal* (1997) inova ao introduzir o *nonsense* dos desenhos animados e se consolidando como uma incomum série cômica, com

episódios de uma hora. *Malcom in the Middle* (1999) é outra *sitcom* pouco convencional originada nessa mesma linha (SILVA JÚNIOR, 2017).

Em 1999, estreia na HBO, *The Sopranos* (Família Soprano), o que iria ampliar definitivamente o universo de discussão das séries, contando com uma influência do filme *Os Bons Companheiros*, de Martin Scorsese. Tony Soprano, *capo* de uma quadrilha mafiosa, o qual se divide entre o universo violento do crime organizado e o cotidiano de um chefe de típica família suburbana, tendo crises matrimoniais e psicológicas que o levam a frequentar o consultório de uma psicoterapeuta (SILVA JÚNIOR, 2017).

A HBO igualmente apresenta um retrato de uma família pouco convencional em outra de suas séries, que causar impressão tão ou mais intensa que *The Sopranos*, *Six Feet Under* (A Sete Palmos, 2001), conta a história dos irmãos Fischer que após a morte do pai lutam para manter a agência funerária aberta. As duas séries são o marco do ápice do gênero, o que teve uma relação direta para o formato HBO de temporadas de tamanho reduzido (13 episódios). No qual, transforma cada capítulo possibilitando um acabamento artesanal mais rebuscado, que os deixava parecidos a um pequeno filme, com roteiros muito bem enlaçados e direção com alto nível de eficiência. Outra série neste estilo é *Deadwood* (2004) que permanece na mesma linha de qualidade (SILVA JÚNIOR, 2017).

Após a virada do século XXI, houve um novo movimento nas emissoras Televisivas, que conquista a audiência e rouba as atenções das séries, são os chamados *realities shows*. Para poder bater de frente com a concorrência, os produtores passam a implementar em seus seriados o realismo que acaba permitindo uma maior sofisticação, derivando em programas de evidente apelo e qualidade. *CSI* (2000) apresenta aos público uma crueza realista, reproduzindo com verossimilhança os mórbidos detalhes das investigações de um grupo de legistas. Em 2001 surgem *24 (24 Horas)*, apresenta episódios com duração de uma hora que juntos representam um dia de desespero e ação vertiginosa na vida de um agente federal, e *Alias*, aborda o universo de ilusões existente na espionagem. *The Shield* (2002) praticamente não se pode apresentar como um seriado policial devido ao seu "herói" ser um detetive absolutamente corrupto. *Nip/Tuck* (2003) revela detalhes dos procedimentos realizados no espaço perverso e glamoroso de uma clínica de cirurgia plástica em Miami. *The West Wing* (1999) aborda um tema não muito atraente como o cotidiano da equipe que trabalha nas funções burocráticas da

Casa Branca, porém produz um idealizado e interessante seriado (SILVA JÚNIOR, 2017).

Após esse período até as séries cômicas começaram a trabalhar com universo próximo ao dos *realities shows*. Larry David, a principal fonte de criação por trás de *Seinfeld*, muda completamente os elementos de sua anterior proposta, interpretando a si próprio em *Curb Your Enthusiasm* (Segura a Onda) (2000), da HBO. *Arrested Development* (2003) fala sobre uma família sem princípios, apresentando seus episódios narrados como um quase documentário. Neste contexto, surge *The Osbournes* (2002) o primeiro *sitcom* protagonizado por uma família real (SILVA JÚNIOR, 2017).

Devido a essa gama de inovações, a oferta de séries tornou-se tão intensa que assistir todos os bons programas torna-se tarefa impossível. Um fato curioso é que, apesar de tantas produções com os mais variados temas e inovações, o grande sucesso da temporada 2004/2005, *Desperate Housewives*, indica um retorno a um formato mais convencional e ultrapassado. Podendo ter sido espelhado no retrocesso e conservadorismo que ocorreu na América do norte durante a gestão republicana de George W. Bush.

4. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DE LEV VYGOTSKY

A ideia de pesquisar sobre Lev Vygotsky sua influencia na educação nasceu a partir da análise de diversos teóricos e suas contribuições para o estudo do desenvolvimento humano e para a educação, deste surgiu a inquietação de compreender até que ponto a teoria vygotkiana está presente no processo de aprendizado e a contribuição desta para o ensino de língua inglesa.

4.1 A perspectiva de Lev Vygotsky

Lev Vygotsky nasceu em 1896 na Bielo-Rússia. Em 1918 formou-se em Direito pela Universidade de Moscou. Aos 28 anos casou-se e teve duas filhas. Faleceu em 1934, acometido pela tuberculose, doença com a qual conviveu no decorrer de catorze anos. Ao mesmo tempo em que se dedicava ao curso de Direito também participava cursava História e Filosofia. Foi a partir de suas experiências por meio da formação de professores na escola local do estado, que passou a se dedicar ao estudo dos distúrbios de aprendizagem e de linguagem, das diversas formas de deficiências congênitas e adquiridas, e deste modo se formou em Medicina, fundando o laboratório de psicologia da Escola de Professores de Gomel, dando diversas palestras que depois foram publicadas no livro Psicologia Pedagógica no ano de 1926. Posteriormente ter participado do II Congresso de Psiconeurologia em Leningrado, foi convidado a trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou devido o seu desempenho (COELHO; PISONI, 2012).

Teve sua carreira iniciada aos 21 anos, e já neste período preocupava-se também com questões ligadas a Pedagogia. Em 1922 publicou um importante estudo sobre os métodos de ensino da literatura nas escolas secundárias. Evidenciou grande interesse pela psicologia acadêmica a partir de trabalhos abrangendo problemas de crianças com defeitos congênitos, tais como: retardo mental severo, cegueira, surdez dentre outras nos quais destinaria anos de estudos procurando chances de apreensão dos processos mentais humanos, sendo este o centro do seu projeto de pesquisa. Embora tivesse vivido tão pouco, deixou um importante legado teórico que foi silenciado por aproximadamente meio século por ser recriminado como um idealista.

Vygotsky dá início as suas teorias no final da revolução russa quando o país se torna socialista instituindo deste modo um pensamento marxista, uma vez que segundo Marx: “tudo é histórico, fruto de um processo e, que são as transformações históricas na sociedade e na vida material que alteram a natureza humana em sua consciência e comportamento”. Sob a influência destas ideias, Vygotsky se auto afirmava marxista e passou a desenvolver sua teoria sobre funções psicológicas superiores, e sobre como a linguagem e o pensamento estão fortemente ligados. De modo curioso suas obras não alcançaram sucesso na União Soviética, território marxista, sendo conhecido por lá como comunista de direita. Tanto Vygotsky como Piaget partilhavam de ideias construtivistas onde a única aprendizagem expressiva é aquela que acontece por meio do intercâmbio entre sujeito, objetos e outros sujeitos. (COELHO; PISONI, 2012).

Vygotsky trabalha com teses dentro de suas obras nas quais são possíveis delinear como: à relação indivíduo/ sociedade em que alega que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são facilmente derivados das pressões do meio externo. Elas resultam das relações homem e sociedade, uma vez que quando o homem modifica o meio buscando atender suas necessidades básicas, e assim ele também se transforma a si próprio.

A criança nasce somente com as funções psicológicas elementares e a partir do aprendizado da cultura, estas se transformam em funções psicológicas superiores, sendo estas o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente. O desenvolvimento do psiquismo humano é sempre intercedido pelo outro que sugere, demarca e confere significados à realidade.

Nesse sentido, os indivíduos imaturos da espécie humana vão gradativamente se apropriando dos modos de funcionamento psicológicos, conduta e cultura. Neste caso pode-se mencionar a importância da inclusão de fato, onde as crianças com alguma deficiência interajam com crianças que estejam com desenvolvimento além, alcançando a troca de saberes e experiências, onde ambos passam a aprender junto. Vygotsky (1984) defende a educação inclusiva e acessibilidade para todos.

Devido ao processo criativo que abrange o domínio da natureza, a utilização de ferramentas e instrumentos, o homem pode ter uma ação indireta, planejada tendo ou não deficiência. Pessoas com algum tipo de deficiência podem ter um alto

nível de desenvolvimento, a escola deve permitir que dominem e depois ultrapassem seus saberes diários.

Nesse sentido, compreende-se que crianças com deficiência podem obter o mesmo desenvolvimento de uma criança normal, apenas de modo diferente, por outra via. O limite biológico não é o que determina o não desenvolvimento da criança com deficiência, mas a própria sociedade que cria barreiras para que esta não se desenvolva integralmente.

A segunda tese de Vygotsky (1984) diz respeito à origem cultural das funções psíquicas que são originadas nas relações do indivíduo e sua conjuntura social e cultural. Isso demonstra que a cultura é parte essencial da natureza humana, já que o desenvolvimento mental humano não é passivo, nem independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida. O desenvolvimento mental é um processo contínuo de conquistas, desenvolvimento intelectual e linguístico relacionado à fala interior e pensamento. Impondo estruturas superiores, ao saber de novos conceitos impede-se que a criança tenha que reestruturar todos os conceitos que já tem. Vygotsky buscava averiguar como as funções psicológicas, tais como a atenção, a memória, a percepção e o pensamento surgem primeiro na forma primária para, depois, nascerem em formas superiores. Deste modo é possível entender a importante distinção realizada entre as funções elementares (comuns aos animais e aos humanos) e as funções psicológicas superiores (designadamente ligada aos humanos).

A terceira tese de Vygotsky (1984) faz referência à base biológica do funcionamento psicológico, tendo o cérebro como órgão principal da atividade mental, sendo percebido como um sistema aberto, cuja estrutura e funcionamento são adaptados ao longo da história, podendo modificar sem que ajam mudanças físicas no órgão.

A quarta tese refere-se à característica mediação presente em toda a vida do ser humano em que se usam técnicas e signos para fazer mediação entre seres humanos e destes com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência por isso Vygotsky (1984) a atribui uma função de realce no processo de pensamento. Sendo esta uma capacidade exclusiva do ser humano. É por meio da fala que os indivíduos podem organizar as atividades práticas e as funções psicológicas.

Vygotsky (1984) realizou suas pesquisas com a criança na fase em que principia o desenvolvimento da fala, já que se acreditava que a verdadeira essência do comportamento se dá a partir da mesma. É na coletividade que a pessoa se aproveita da linguagem e dos objetos físicos disponíveis em sua cultura, originando deste modo seu desenvolvimento, dando evidência aos conhecimentos histórico-cultural, conhecimentos determinados e já existentes em seu dia-a-dia.

Nesse sentido, Vygotsky (1984) enfatiza as relações de desenvolvimento e aprendizagem dentro de suas obras. Para ele a criança começa seu aprendizado bem antes de ir à escola, contudo o aprendizado escolar vai inserir elementos novos ao seu desenvolvimento.

A aprendizagem trata-se de um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. Dois tipos de desenvolvimento foram identificados: o desenvolvimento real que se refere àquelas conquistas que já são materializadas na criança, aquelas habilidades ou funções que alcança sozinha sem ajuda de outro indivíduo.

Comumente costuma-se ponderar a criança só neste nível, ou seja, apenas o que ela já é capaz de realizar. Já o desenvolvimento potencial diz respeito a tudo aquilo que criança pode realizar com a colaboração de outro indivíduo. Neste caso as experiências são muito importantes, visto que ele aprende por meio do diálogo, colaboração, imitação dentre outras.

A distância entre os dois níveis de desenvolvimento é denominada de zona de desenvolvimento potencial ou proximal, o período que a criança faz uso de um 'apoio' até que seja capaz de realizar determinada atividade sozinha. Por isso Vigotsky (1984, p.98) afirma que "aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã"

O conceito de zona de desenvolvimento proximal é muito importante para pesquisar o desenvolvimento e o aprendizado, pois este possibilita avaliar o desenvolvimento individual. É a zona cooperativa do conhecimento. O mediador ajuda a criança a materializar o desenvolvimento que está próximo, ou seja, auxilia a transformação do desenvolvimento potencial para o desenvolvimento real.

Assim, compreende-se que o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento, e o meio físico ou social influenciam no

aprendizado das crianças de modo que chegam as escolas com uma série de conhecimentos adquiridos.

4.2 O processo de aprendizagem da língua inglesa

Apesar da grande variedade de alternativas de conjunturas de aprendizagem de línguas estrangeiras, especialmente da língua inglesa, é fácil entender que o desenvolvimento da tão almejada (e por vezes anunciada) fluência não é uma empreitada simples, mesmo depois de anos de estudo. Não existem formulas mágicas ou métodos infalíveis que possam afiançar o sucesso na aprendizagem. Na linguística aplicada, esta realidade levou a discussões de métodos ecléticos e na importância de pesquisas com enfoque nos aprendizes de línguas (VILAÇA, 2008)

Cabe destacar que as dificuldades de aprendizagem não são privilégios desta ou daquela disciplina. Contudo, é possível ponderar que, em algumas disciplinas, elas sejam mais fáceis de serem verificadas, compreendidas ou vividas. Na tradicional procura por culpados, comumente esta função é conferida, muitas vezes sem discernimentos, ao aluno ou ao professor.

As línguas estrangeiras estão entre as disciplinas de maior visibilidade de “capacidades” ou “fracassos”. Enfim, almeja-se que, posteriormente algum tempo de estudo, o aluno esteja apto para utilizar a língua estrangeira em circunstâncias comunicativas.

No caso de uma língua estrangeira, as cobranças podem aparecer ao ouvir uma música, ao assistir a uma entrevista ou um canal de TV por assinatura. Enfim, é corriqueiro que amigos, familiares e colegas de trabalhos solicitem traduções (escritas e/ou orais), e revisões de textos. Ou seja, chances para “evidenciar” o seu inglês podem aparecer a qualquer ocasião, já que a língua está acessível em diversas conjunturas.

A edificação de conhecimentos linguísticos é cumulativa. Logo, está em constante movimento e “conteúdos” de semestres ou anos anteriores não podem ser “perdidos” ou “extintos” para dar espaço para novos saberes. Em síntese, é difícil o desenvolvimento da competência comunicativa sem a constante utilização e estudo da língua.

Se em algumas disciplinas é admissível isolar com certa facilidade alguns conteúdos para estudo ou avaliações, no caso de línguas estrangeiras, não é

possível esquecer este ou aquele tempo verbal para o estudo de outros. Se isto ocorrer, o uso comunicativo da língua fica irrealizável. Segmentações são até possíveis para provas ou para textos artificiais, mas não para a competência comunicativa. Enfim, é impossível conceber alguém que se comunique utilizando exclusivamente tempos verbais do passado ou do presente.

Nesse sentido, ressalta-se que existem três fatores de suma importância para o aprendizado de uma língua estrangeira: tempo, dedicação e prática constante. Sabe-se que o domínio de línguas estrangeira é cobrado cada vez mais e em níveis mais elevados, principalmente pelo mercado de trabalho. Contudo, o tempo para o desenvolvimento de competências que dirijam ao uso fluente do idioma é cada vez menor. O aluno de hoje, espelho da sociedade em que se insere, tem pressa e, por consequência, foge de cursos de longa duração, até mesmo por demandas profissionais e acadêmicas. Exemplos disto podem ser encontrados em diversos cursos particulares de idiomas.

Os cursos de língua estrangeira de hoje duram, em média, quatro anos. Existe cursos ainda de menor duração. Como complemento às aptidões desenvolvidas em menor tempo, cursos adicionais, comumente chamados de *conversation*, *advanced* ou *proficiency*, são oferecidos. Em alguns casos é possível avaliar que, na verdade, não existiu reformulação do curso, mas a divisão em segmentos do mesmo.

No que diz respeito designadamente à aprendizagem de língua inglesa, parece existir uma crescente verificação de que esta oferece desafios nem sempre fáceis de serem extrapolados, principalmente em curtos períodos de tempo. Pressões de naturezas diversas por cursos cada vez mais breves provavelmente colaboram para a maior identificação e apresentação de problemas.

Educadores demonstram hoje grande inquietação com a formação de um aluno autônomo, apto a assumir maior responsabilidade pela própria aprendizagem (OLIVEIRA; CHADWICK, 2004). Este posicionamento pode sugerir o reconhecimento da dificuldade da instituição de ensino em se conservar atualizada e apta a satisfazer às demandas e características de um mundo em constantes e céleres transformações.

Apesar de ser possível encontrar diferentes formas de abordagem e compreensão da autonomia, esta pode ser apreendida como o envolvimento direto e ativo do aprendiz no planejamento, no monitoramento e na avaliação da sua

aprendizagem (THOMSEN, 2003). Em outras palavras, o aprendiz passa a adotar responsabilidades sobre a sua aprendizagem em diferentes ocasiões: antes (no momento de planejar o que e como estudar, por exemplo), durante (procurando analisar e entender o processo) e depois (averiguando uma auto avaliação, dentre outras possibilidades). Ele deve deste modo, ser capaz de decidir sobre a própria aprendizagem. Trata-se de uma atitude positiva e produtiva em relação à aprendizagem.

Dickinson (1994, p. 3) alerta para o fato da autonomia não significar ausência de regras ou limites. A autonomia não deve ser ligada à quebra de convenções da sala de aula, ao não reconhecimento da função e da autoridade do docente ou o direito dos outros alunos. O pesquisador salienta que não há “incoerência entre o ensino autônomo e o ensino em sala de aula” (DICKINSON, 1994, p. 3).

O isolamento, segundo Dickinson, não é um requisito para a autonomia. A visão tradicional de ensino na qual o docente detém todo o conhecimento e o aluno apenas recebe o mesmo (BRUNER, 2001) parece ainda estar muito enraizada em diversos contextos de ensino, o que não promove a autonomia e, conseqüentemente, a corresponsabilidade pela aprendizagem. Como fruto desta concepção, a autonomia passa a ser muitas vezes estudada mais profundamente em cursos de pós-graduação (CAVALCANTI, 1994), nos quais os alunos, antes acostumados com a dependência direta do professor, costumam se considerar abdicados pelos professores e orientadores.

Além da aprendizagem autônoma, outro ponto em comum entre educadores e pesquisadores de diversas áreas é a compreensão e defesa de uma aprendizagem que não se restrinja à sala de aula e ao período formal de estudo, seja este horas, dias ou anos. Pesquisadores passaram a defender que um dos papéis das instituições de ensino e dos docentes é formar um aluno que seja capaz de aprender a aprender, tanto dentro quanto fora da sala de aula (FILATRO, 2007).

Embora seja crescente a defesa dessa concepção como forma de preparação para o futuro, o tema ainda parece ser pouco pesquisado, em especial na conjuntura brasileira. No campo de ensino de línguas estrangeiras, estudos desta natureza estão muitas vezes ligados a pesquisas sobre o ensino de estratégias de aprendizagem (VILAÇA, 2010).

Estudos discutem relações entre o emprego estratégias de aprendizagem e a autonomia. Em entrevista sobre a autonomia e a aprendizagem de língua inglesa, a

pesquisadora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva afirma que:

O ensino de LE tem carga horária reduzida e eu gostaria de enfatizar que ninguém vai aprender uma língua estrangeira se ficar restrito às atividades de sala de aula, por melhor que elas sejam e por maior tempo previsto no currículo escolar. Logo essas horas na sala de aula precisam ser usadas de forma a despertar no aprendiz o desejo de ultrapassar os limites de tempo e espaço da sala de aula em busca de novas experiências com a língua (PAIVA, 2009, p.49).

As palavras da estudiosa são bem claras quanto à necessidade de ampliação das chances de estudo e uso de línguas estrangeiras em situações diferentes da sala de aula. Isto, logicamente, não deve ser confundido com a desvalorização da sala de aula. Infelizmente há quem considere erroneamente que ensinar o aluno a aprender seja uma forma de “reduzir” a relevância do docente.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Metodologia

5.1.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa no qual o pesquisador, troca a visão puramente estatística pelas descrições e ligações causais, projetadas pelas interpretações (GIL, 2000).

Quanto aos objetivos, este estudo caracteriza-se como descritivo e exploratório. No que se refere ao caráter descritivo este consiste em produzir os dados através da contagem da frequência de características do texto. (GIL, 2000).

No que diz respeito ao caráter exploratório de acordo com Lakatos e Marconi (2011) visa à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes.

5.1.2 População ou universo do estudo

Alunos de cursos de graduação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

5.1.3 Amostra

A amostra foi de 30 alunos de cursos diversos de graduação da UESPI.

5.1.4 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados se dará por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE A) contendo dados de identificação e questões abertas.

Serão agendadas e confirmadas as entrevistas com os participantes, após o consentimento, onde se darão numa sala reservada nas dependências do local do

estudo. As entrevistas serão gravadas e transcritas na íntegra, garantido o anonimato.

5.1.5 Aspectos éticos e legais

Este estudo está em conformidade com a Resolução 466/12. Foi encaminhado a comissão de ética da Universidade Estadual do Piauí - UESPI para aprovação do mesmo. A coleta de dados foi iniciada após autorização da direção da referida instituição de ensino superior.

A pesquisa foi realizada mediante autorização dos participantes, após a entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

5.1.6 Riscos e Benefícios

Os participantes do estudo tiveram riscos mínimos, pois foram apenas utilizadas informações colhidas pelo roteiro elaborado para esta pesquisa, onde o participante poderia se recusar a qualquer momento a responder. Espera-se que o estudo traga benefícios para futuras pesquisas sobre o tema.

5.2 Resultados

Esperava-se como amostra desse estudo, o total de 30 alunos de cursos diversos da universidade estadual do Piauí – UESPI, contudo, por motivos adversos, obteve-se um número de 20 pessoas que participaram de forma voluntária. Neste item serão evidenciados os resultados da aplicação do questionário.

5.2.1 Perfil dos participantes

No que se refere ao perfil dos entrevistados, dos 20 alunos que responderam o questionário, 10 (dez) se encontram na faixa etária correspondente entre 18 a 22 anos, 05 (cinco) na faixa etária entre 23 a 27 anos e 05 (cinco) dos participantes tinham idade entre 28 e 32 anos. Dos 20 participantes, todos eles (100%) encontram-se cursando o ensino superior. E quanto a área de formação 50% dos participantes (10) cursam inglês e os outros 50% estão distribuídos nas seguintes

áreas de formação: (02) Pedagogia, (03) Comunicação Social, (04) Administração e (01) Ciências Contábeis.

5.2.2 Assiste seriados estrangeiros e frequência

Na tabela abaixo são evidenciados os participantes que assistem ou não seriados estrangeiros, bem como com que frequência essa prática ocorre.

Tabela 1: Os seriados e frequência com que são vistos

	Assistem seriados	Frequência com que assistem	%
	03	Diariamente	15%
	06	uma ou duas vezes por semana	30%
	07	uma ou duas vezes por mês	35%
	04	Não assistem com frequência	20%
Total	20		100%

Observou-se que dos 20 participantes, no total de 80% assistem pelo menos uma vez por mês seriados estrangeiros, enquanto, 20% alegaram não assistirem com frequência esses programas televisivos.

5.2.3 Quando assiste um seriado estrangeiro, prefere ouvir o áudio original em inglês ou dublado em português?

Neste quesito, dos 20 estudantes que responderam o questionário, e que assistem com certa regularidade seriados estrangeiros, ou seja, 80% (16) conforme relatado no item anterior, 12 (doze) preferem ouvir o áudio original em inglês e 04(quatro) tem preferencia por episódios dublados em português.

Grafico 1: Percentual de estudantes que assistem episódios com áudio original em inglês e aqueles que preferem em português

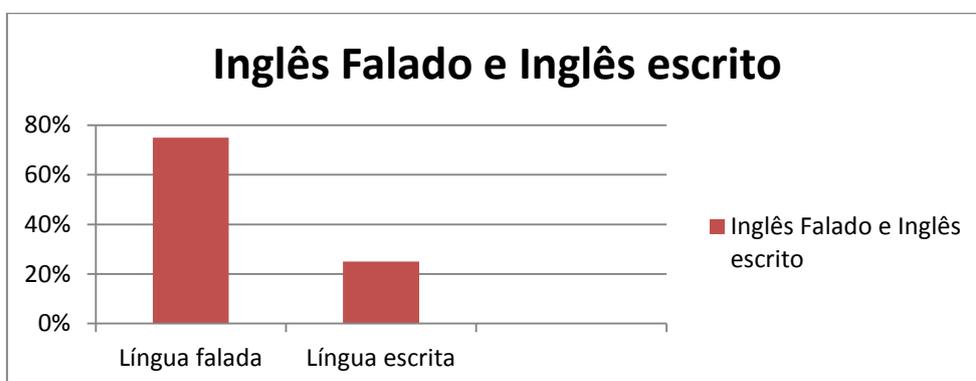


Fonte: Dados da pesquisa de campo

5.2.4 O que é mais difícil para você apreender: a língua falada ou a língua escrita em inglês?

No âmbito desta questão, a resposta foi quase unânime entre todos os 20 participantes, 85% revelaram ter grande dificuldade em aprender a língua falada, enquanto os demais 15% relataram ter grande problema com a escrita do idioma inglês.

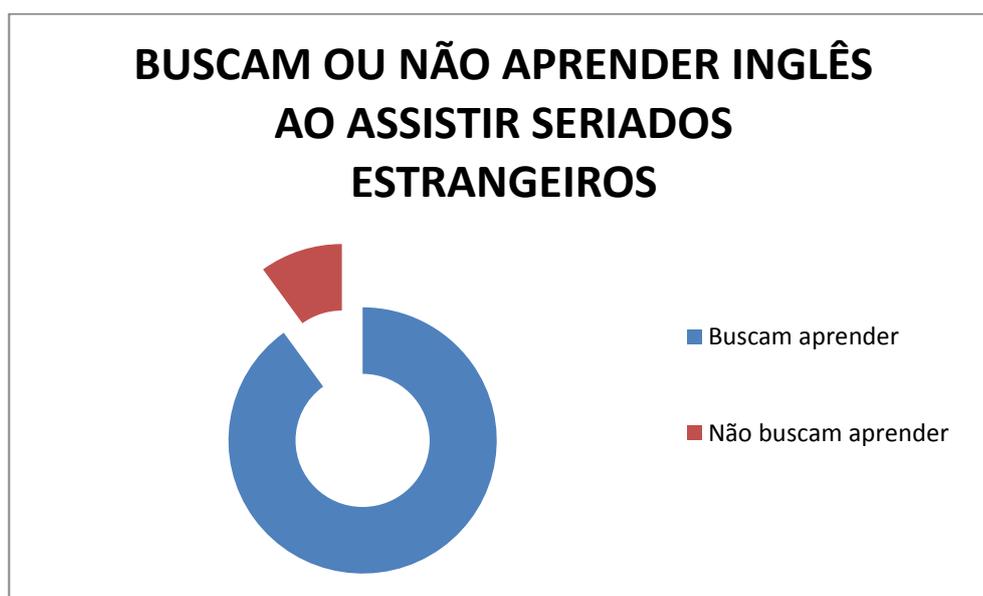
Grafico 2: Língua falada versus língua escrita



Fonte: Dados da pesquisa de campo

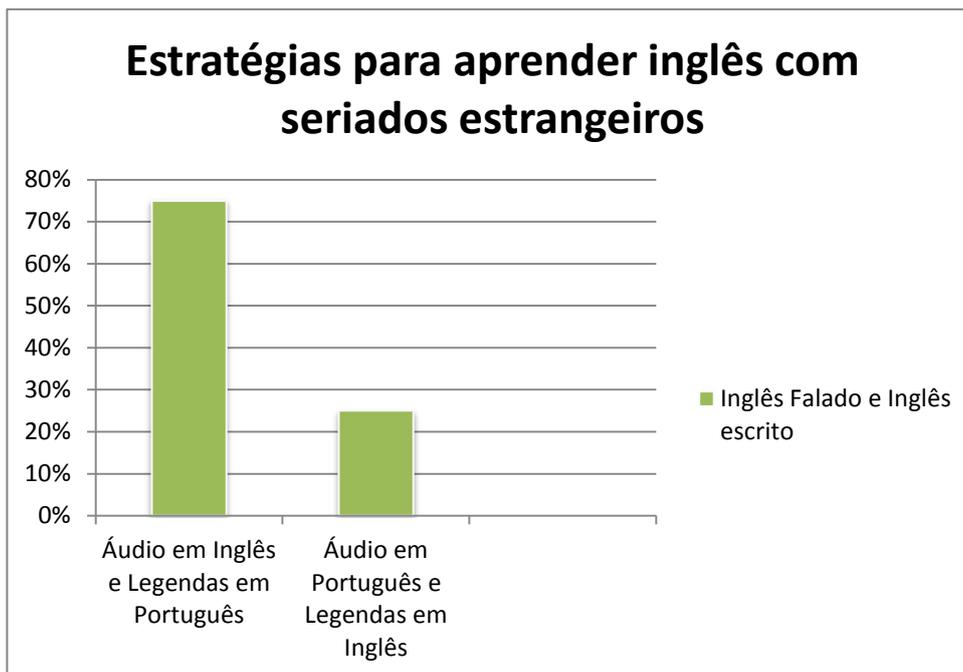
5.2.5 Você busca aprender o idioma inglês enquanto assiste os seriados estrangeiros?

Das respostas obtidas nesta questão, a grande maioria, 90% afirmou que busca aprender de alguma forma o idioma inglês quando assiste seriados estrangeiros, apenas 10% disseram não se preocupar com isso.



5.2.6 Estratégias para aprender inglês com seriados estrangeiros

Neste quesito, dos 20 estudantes que responderam o questionário, e que assistem seriados estrangeiros, 12 (doze) utilizam como estratégia para aprender inglês ouvir o áudio original em inglês e legendas em português e 04(quatro) adotam a estratégia de ouvir em português e com legendas em inglês.



5.2.7 Na sua opinião será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros? Justifique.

Neste quesito a opinião dos estudantes que responderam o questionário foi unânime, ou seja, 100% (20) responderam ser possível aprender inglês através dos seriados estrangeiros, as justificativas encontram-se elencadas no quadro abaixo:

Quadro 1: Na sua opinião será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros? Justifique.

Aluno	Justificativa
01	Não que você aprenda exatamente tudo relacionado ao inglês como gramática e coisas do tipo, mas é sim possível que você consiga ter uma ótima base e até mesmo conseguir construir algumas frases. Com seriados é possível que você conheça expressões que podem não ser aprendidas em um curso de inglês por exemplo, expressões que os nativos usam no cotidiano deles e que somente com o convívio seriam possíveis de ser notados. E pra quem já sabe um pouco de inglês, seriados são ótimos pra que você conheça e aprenda diferentes sotaques. E também alguns aspectos culturais podem ser notados. Portanto digamos que por meio de

	seriados, seja possível aprender um pouco de cada parte dessa língua tão bonita que é a inglesa.
02	Com a criação do hábito de escutar e estar em constante contato com as palavras em inglês através da visualização das legendas e do ato de escutar em simultaneidade com sua pronúncia em inglês, acredito ser capaz de aprender muito a língua. Como consequência de estar sempre assistindo seriados com legendas e áudios em inglês, vi-me com um vocabulário muito maior ao que tinha antes de o fazer.
03	Por que é uma maneira simples e cômoda. Simples porque tenho a oportunidade ou escolha de assistir o que eu quiser e quantas vezes eu quiser. E cômoda porque posso assistir no conforto da minha casa, só preciso de um computador com internet.
04	Muitas expressões são expostas nesses seriados e, como muitos têm o objetivo de atingir a fluência no idioma, estes são um meio onde buscamos informações para melhor compreender o que esta sendo falado nas séries.
05	Ao assistir é possível aprender pronúncias, ouvir diferentes sotaques e enriquecer o vocabulário com palavras e expressões que dificilmente são aprendidas em cursos, aulas e etc
06	É muito útil, pois é possível aprender a pronúncia, os vocabulários dentre outros.
07	Além da legenda em inglês, o áudio em inglês também auxilia muito no aprendizado.
08	É muito importante os seriados, porque permitem aprender expressões do dia-a-dia.
09	A forma mais prática de se aprender a falar é ouvindo. Quando você assiste um seriado estrangeiro com o áudio original, você está ouvindo um falante nativo e, ao mesmo tempo, lendo o significado de sua fala. Dessa forma, você aprende, não só a pronúncia e entonação das palavras e frases, mas também o significado de cada uma delas.
10	Para que haja o aprendizado de outra língua é necessário que exista um contato com a mesma. Creio que duas de quatro habilidades (<i>speaking, writing, listening e reading</i>) são exercitadas quando se assiste um seriado, ou um filme em inglês, o que proporciona, aquele que assiste, um contato direto com a língua e uma absorção de vocabulário.
11	Os seriados proporcionam um aprendizado de língua inglesa mais eficiente porque eles trazem o idioma na sua forma nativa, super atualizado e contextualizado além de elementos culturais.
12	Sim, pois leva o indivíduo à curiosidade do porquê de determinadas expressões culturais presentes no idioma estrangeiro face ao seu idioma nativo, motivando o mesmo a querer sempre ampliar suas descobertas e aplicar em

	situações semelhantes do seu cotidiano.
13	Observando as falas e associando às legendas.
14	Ouvir o idioma original e acompanhar as legendas em português facilita o aprendizado.
15	Quando assisto a um seriado estrangeiro, procuro ouvir o idioma original, e comparar com as legendas em português.
16	Prefiro ouvir o idioma dublado e a legenda em inglês.
17	Traz uma importante contribuição para o aprendizado de inglês, pois aproxima a realidade das pessoas que têm essa língua como sua língua nativa.
18	Os seriados proporcionam a qualquer aprendiz a oportunidade de fazer uma completa imersão do idioma. Desta forma, é possível aprender, pronúncia, vocabulário, expressões idiomáticas e gírias comumente utilizadas pelos povos que tem o Inglês como primeira língua. Também é preciso observar que a imitação dos sons que se ouve nos episódios faz com que o aprendiz se adapte ao ritmos natural com que os enunciados são produzidos.
19	O inglês dos seriados é muito mais atual, pois possibilita não só o aprendizado da língua, mas de gírias, de palavras do cotidiano da cultura de cada país que faz uso desse idioma.
20	Mesmo não assistindo muito seriados, posso afirmar que sempre que assisto, percebo uma importante contribuição para o aprendizado do inglês, principalmente na linguagem oral.

5.3 Discussão

A partir das respostas obtidas através do questionário, foi possível analisar a importância dos seriados estrangeiros para o aprendizado da língua inglesa por meios dos seguintes critérios: O que é mais difícil para você apreender: a língua falada ou a língua escrita em inglês? Na sua opinião será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros?

5.3.1 Língua falada *versus* língua escrita

A língua consiste num sistema de signos, é a forma humana de comunicação

através do emprego de códigos linguísticos. Manifesta-se por meio da fala. E a fala manifesta-se de modo particular em cada indivíduo, seja devido a fatores culturais, étnicos, geográficos, dentre outros.

A língua é um código que os sujeitos usam para enviar mensagens, compartilhar conhecimentos e para aprender. Ela é empregada para os sujeitos se comunicarem. Existem fundamentalmente duas modalidades de língua: a língua falada e a língua escrita.

Na linguagem oral, os indivíduos comunicam-se de modos diferentes conforme a circunstância, necessidade, com sua personalidade dentre outros. Existe deste modo, o uso na linguagem oral de dois níveis de linguagem: o nível culto e o nível coloquial.

O aluno deve sair da escola sabendo que a língua que se utiliza para comunicar-se com seus familiares não pode ser a mesma para concretizar uma entrevista de emprego, por exemplo.

Todos sabem que existe um número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo em que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usuários característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc. (TRAVAGLIA, 2002, p. 41).

. Ainda existem, também, os diversos níveis de linguagem da língua falada: a língua culta, ou língua-padrão e a língua popular. Os discentes chegam à escola para aprender a língua escrita culta, pois já têm, desde os primeiros anos de vida, a habilidade de comunicarem-se oralmente. O grande choque acontece quando se depara com a diferença entre a língua que utiliza com seus pares e a língua que o professor está tentando lecionar na escola.

O aluno não poderá transcrever da fala construções como “Eu vi ele ontem” ao qual está habituado a empregar exclusivamente a língua falada que é automática, na escola terá que adaptar-se ao uso de regras ortográficas e sintáticas que vão guiar o aprendizado da língua escrita, ou seja, agora a língua passa a ser regida por normas gramaticais.

Entende-se por gramática, aquela normativa, o manual de regras de bom uso da língua falada e escrita, regras essas postas pelos especialistas, com alicerce no uso da língua pelos bons escritores.

Dessa forma, no aprendizado de uma língua estrangeira, no caso em questão, o inglês, é importante compreender essa diferença entre oralidade e escrita.

Observa-se, portanto, que o aluno ao se deparar com a gramática de uma determinada língua, encontrará dificuldades para relacionar a escrita e a fala, daí surge a identificação da grande maioria com uma maior facilidade em aprender inglês assistindo seriados em idioma original (inglês) e legendas em português.

5.3.2 Será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros?

Eis a grande indagação, e de acordo com os dados obtidos, foi possível responder a esta questão: sim, é possível, é viável aprender em inglês através de seriados estrangeiros.

Como foram relatados nas respostas dos estudantes, os seriados trazem o idioma na sua forma nativa, de forma atualizada e contextualizada, e traz também elementos da cultura local de onde se origina o idioma ou onde ocorre a trama do seriado.

Tem como ponto positivo também o fato de ser facilmente disponibilizado pela internet, possibilitando o acesso a diversos segmentos da população, o que torna o alcance mais abrangente e permite que mais pessoas possam ter acesso ao idioma e conseqüentemente ao seu aprendizado.

Outro ponto levantado refere-se à pronúncia, ao vocabulário, às expressões idiomáticas e gírias comumente utilizadas pelos povos que tem o inglês como primeira língua e que são disponibilizados através dos seriados estrangeiros.

Ressalta-se ainda que, ao assistir um seriado estrangeiro com o áudio original e legenda em português, você tem a possibilidade de ouvir um falante nativo e, ao mesmo tempo, ler o significado de sua fala. Nesse sentido, isso facilita o aprendizado, da pronúncia, da entonação das palavras e frases, e também o significado de cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a compreender se os seriados de TV, em inglês, podem contribuir efetivamente para o aprendizado da língua inglesa. Neste intento, essa investigação teve, como objetivo geral, comprovar que os seriados em inglês podem auxiliar no processo de aprendizagem da Língua Inglesa, tornando-o, inclusive, mais interessante para o aluno. E, a partir desse, tiveram-se como objetivos específicos: analisar o processo de aprendizagem da língua inglesa sob a perspectiva de Lev Vygotsky (1999); demonstrar como os seriados de TV, em inglês, podem ser mais do que meros instrumentos de entretenimento e evidenciar a contribuição das séries no aprendizado da língua inglesa.

Foi possível observar que diversas teorias e estudos deram suporte para o entendimento acerca do que é aprendido e aquisição, teorias importantes como o Behaviorismo, o Inatismo e o Interacionismo, que elucidaram de forma efetiva tais conceitos.

Viu-se ainda que ao longo da história, os seriados acompanharam as diversas conjunturas econômicas, políticas e sociais, em alguns momentos trazendo uma cultura paternalista, em outras o humor sarcástico e em outras a igualdade entre os gêneros, através de seriados que reforçavam o protagonismo das mulheres e homens na sociedade contemporânea.

No que se refere ao aprendizado, Vygotsky (1999) contribuiu de forma ímpar para este estudo, pois através de suas teorias, foi possível compreender que o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento, e o meio físico ou social influenciam no aprendizado das crianças de forma que chegam as escolas com uma série de conhecimentos obtidos.

No que cerne aos dados coletados, estes foram decisivos para responder a seguinte questão norteadora: É possível aprender inglês assistindo seriados estrangeiros? A resposta foi categórica: sim.

Como foi evidenciado, aprender inglês através de seriados é viável pelo fato de ser de fácil acesso, especialmente pelo fato de que hoje a internet é um instrumento fundamental para a difusão de informações, filmes, músicas, e também seriados.

Também foi possível observar que os seriados contribuem não

exclusivamente para o aprendizado do idioma inglês, mas também para evidenciar a cultura, os costumes, a fala de pessoas nativas das mais diversas regiões que têm esta como sua primeira língua.

E, por fim, compreendeu-se que aprender inglês requer, sobretudo vontade, disposição e dedicação, que aliadas aos seriados estrangeiros, ampliam as possibilidades de aprendizado não tão somente da língua falada, mas também da escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed, 2002.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CAVALCANTI, L. N. T. *Towards learner autonomy: research in postgraduate studies in Brazil*. IN: LEFFA, V.(eds) **Autonomy in language learning**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1994.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Tradução Lúcia Lobato. 3ª ed. Brasília: UnB, 1998.

COELHO, L. PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped**, Osório, v.02, n. 01, p.144-152, 2012.

DICKINSON, L. *Learner autonomy: what, why and how*. In: LEFFA, V. **Autonomy in language learning**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

DULAY, H.; BURT, M.; KRASHEN, S. **La seconda lingua**. Bologna: Il Mulino, 1985.

FIGUEIREDO, F. J. Q. Aquisição e aprendizagem de segunda língua. **Revista Signótica**, Goiás, v.7, p. 39-57, 1995.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

GALEFFI, D. A. **Teorias de aprendizagem de segunda língua**. Filosofar e Educar. Salvador: Quarteto, 2003.

GARDNER, R; LAMBERT, W. **Attitudes and motivation in second language learning**. Rowley: Newbury House, 1972.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GRIFFIN, K. **Lingüística aplicada a la enseñanza del español como 2/L**. 2ª ed. Madrid: Arco Libros, 2011.

KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. **How languages are Learned**. 4ª ed. Oxford, 2013.

OLIVEIRA, J. B. A. ; CHADWICK, C. **Aprender e ensinar**. 6ª Ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino de Português e Interatividade**. Santa Maria: UFSM, 2000.

SANTOS GARGALLO, I. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje de español como lengua extranjera**. 3ª ed. Madrid: Arco Libros, 2010.

SCHUTZ, R.. **A evolução do aprendizado de línguas ao longo de um século**. English made in Brazil. 2007. Disponível em:< <http://www.sk.com.br/sk-apren.html>>. Acesso em 20 de set 2017.

SILVA JÚNIOR, G. DE *Ilove Lucy a Desperate housewives: Notas sobre a história das séries americanas de TV*. Revista de Cinema Contracampo. 2017. Disponível em:< <http://www.contracampo.com.br/69/serieshistoria.htm>>.

THOMSEN, H. *Scaffolding target language use*. IN: LITTLE, D.; RIDLEY, J. & USHIODA, E. (Ed) **Learner autonomy in the foreign language classroom: teacher, learner, curriculum and assessment**. Dublin: Authentik, 2003.

VILAÇA, M.L.C. Aprendizagem de língua inglesa: das dificuldades à autonomia. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v.09, n.33, p.42-53, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ACADÊMICOS

1. Faixa etária

18 a 22 anos 23 a 27 anos 28 a 32 anos 33 anos ou mais

2. Graduação

Superior em conclusão Superior Completo

Especialização em andamento NDA

3. Área de formação acadêmica: _____

4. Você assiste seriados estrangeiros?

Sim Não

5. Com que frequência assiste seriados estrangeiros?

diariamente uma ou duas vezes por semana

uma ou duas vezes por mês

6. Quando assiste um seriado estrangeiro, prefere ouvir o áudio original em inglês ou dublado em português?

Inglês com legendas em português dublado sem legendas

dublado em português com legenda em inglês

7. O que é mais difícil para você apreender: a língua falada ou a língua escrita em inglês?

Fala Escrita

8. Você busca aprender o idioma inglês enquanto assiste os seriados estrangeiros?

Sim Não às vezes

9. Que estratégia você utiliza para aprender o idioma inglês por meio dos seriados estrangeiros?

Observo a fala em inglês e leio as legendas em português

Observo a fala em português e leio as legendas em inglês

Procuro observar tanto a fala quanto as legendas em inglês

NDA

10. Na sua opinião será possível aprender inglês através de seriados estrangeiros? Justifique.

Sim Não

11. As principais contribuições dos seriados estrangeiros são:

Entretenimento e cultura

Aprendizado de outra língua e entretenimento

Apenas entretenimento